

Stadium

N.º 372
18 de Janeiro de 1950
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Os argentinos em Lisboa — Em cima, no Benfica-S.º Lorenzo, Rosa livra-se de uma situação difícil; em baixo, no Sporting-Racing, um ataque leonino é defendido pelo guarda-redes, que nos aparece em estranha posição

O OLHANENSE

JOAQUIM DOMINGUES SOARES

disse-nos, entre outras coisas, como formaria a selecção nacional

jogado essa época em Reservas e ascendido, na seguinte, à primeira categoria, tendo, no entanto, participado em pugnas pelas duas categorias citadas, conforme os interesses do clube aconselhavam.

A sua fixação definitiva na categoria principal só data de 1946-1947, em consequência da prestação do serviço militar obrigatório, durante 26 meses, nas ilhas Terceira e S. Miguel, para onde partiu, em cumprimento do seu dever, em 1943, incorporado no Batalhão n.º 4.

Foi com orgulho, que Soares nos declarou que só conheceu um clube, só envergo oficialmente uma camisola, pois considera como diversão desprezível a actividade exercida nas ilhas.

E, a propósito da sua estadia ali, contou-nos dois episódios piarrescos que não resistimos à tentação de revelar.

— Na Ilha Terceira fiz parte da equipa do Sporting Clube Angraense tendo defrontado em alguns jogos uma equipa militar inglesa, da qual fazia parte um mecânico aviador de nome Lambers, que era uma verdadeira torre, fortíssimo e difícil de passar por estes atributos. A dificuldade que eu experimentava perante este gigante, que já representara o País de Gales em competições internacionais, obrigou-me a estudar a maneira mais propícia para o driblar pela certa. Tanto magueei que achei. Assim, num jogo, atirei-lhe a bola por entre as pernas, com o pé direito, e de gatas, com as mãos e os pés no chão, esgueirei-me pelo lado esquerdo ficando com a baliza à minha mercê, pois o guarda-redes

não pôde evitar que o esférico lhe passasse fora do alcance.

O comentário do meu amigo e adversário, em português estropeado foi este: Assim não vale. Você desta vez levou-me...

Uma outra vez — prosseguiu o algarvio — na Ilha de S. Miguel, excedi-me em determinado encontro em que o sangue dos 22 ferveu a bom ferver. O caso chegou ao conhecimento do sr. Brigadeiro-comandante, que por se tratar de um prélio entre militares, me mandou dizer que estava proibido de jogar. Fiquei desgostoso, mas as ordens não se discutem, cumprem-se. Passou algum tempo e anunciou-se um encontro entre seleções militares das várias ilhas. O meu conurso foi reputado indispensável e o sr. Brigadeiro autorizou-me a alinhar, recomendando todavia que eu devia jogar à bola e não ao homem.

Nesse desafio, confesso que fui forçado a preocupar-me mais com o homem do que com o esférico, tendo sido até hoje, o jogo de maior «encosto». Finda a pugna, pensei que desta vez não escapava sem castigo disciplinar. Foi, com surpresa e alegria pois, que um sr. oficial me comunicou que o sr. Brigadeiro o encarregara de me tornar ciente de que estava autorizada a jogar livremente, porquanto tendo assistido ao encontro, verificara que eu não era o «mau» que lhe tinham dito, mas sim um valente!

Soares prefere actuar a interior-direito, embora já tenha ocupado os lugares de extremo e de avançado-centro, com a mesma propriedade que revela no primeiro, voltando a sua maior admiração para Vasques e Dr. Alberto Gomes, os melhores interiores para o seu gosto, lugar que prefere.

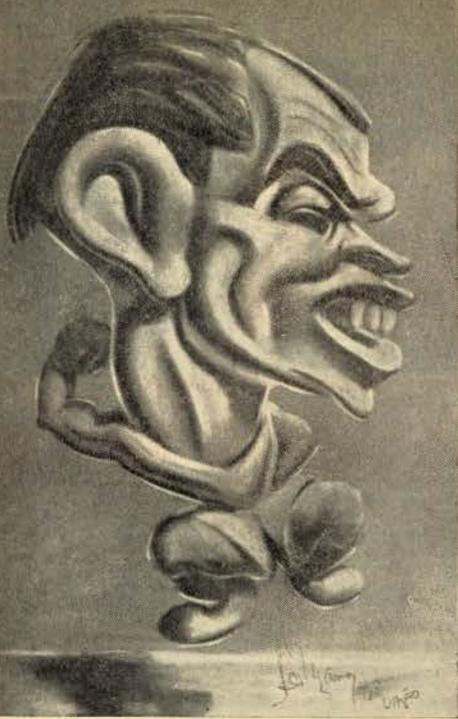
— Dou-me excelentemente com os meus camaradas — afirmou-nos — e gosto do Olhanense, que é o meu clube pelo coração. Depois dele o Benfica, é o que mais me agrada. Tive até um convite para ingressar na equipa encarnada, quando estava nas ilhas — ainda me lembro que recebi um telegrama para esse fim — mas declinei-o porque o Olhanense estava primeiro na minha predilecção. Já que falei do Benfica, sabe que o Xico Ferreira é o jogador que mais me custa a dominar?

Ficámos sabendo que o nosso interlocutor é operário fabril, segue uma preparação cuidadosa, gostaria de ser profissional, — mas não acredita que o profissionalismo virgue em Portugal sem a ajuda do Estado —, tem preferência em jogar no campo do adversário, onde se sente mais à vontade do que quando actua no Estádio Padinha e faz os melhores votos, intimamente, para que os terrenos pedados sejam substituídos pela relva fôfa, num futuro que não tarde.

Este azougado rapaz que já marcou bastantes golos aos melhores guardiões portugueses, atrai com calma e das mais inverosímeis posições, sem perder o sangue frio. Ao Azevedo, quando no campo dos «leões» o Olhanense perdeu por 1-3, o golo que marcou foi antecedido desta pergunta galista: *Para que lado queres esta?* António José, o guarda-redes dos «leões da serra» disse-lhe o ano passado em Olhão, após o jogo da segunda volta: *Ainda hoje estou por saber como é que meteste aquele golo na Covilhã...*

Mais um punhado de afirmações:

— Tenho fé de que a «mala pata» que nos persegue sempre que jogamos com o Sporting, não durará muito tempo. A primeira vitória nossa será no Estádio «José Alvalade»... Se eu já não jogar (?) jogará o meu



Soares, criado no Olhanense, oparece-nos como um jogador vivo, impetuoso, dinâmico, que nunca se considera vencido!

NA manhã de domingo em que a turma olhanense defrontaria horas depois a equipa alcantarense, reunimo-nos com os elementos da caravana, no hotel onde se haviam hospedado.

O dia estava chuvoso e frio. Cá fora, àquela hora, o número de transeuntes que passava, podia contar-se descensadamente.

No ambiente acolhedor e convidativo em que nos encontrávamos, pairava alto a boa disposição e a alegria comunicativa daquela gente moça e gárrula, sempre optimista. Os assuntos das conversas eram os mais diversos e todos eles, fosse quem fosse o narrador, servia de entretenimento para os outros, que aguardavam curiosos o desfecho, sabendo de antemão, que o remate provocaria gargalhada pela certa.

Nomes que o público da bola admira sem reserva e já decorou com prazer, pelo regalo que as suas proezas atléticas lhe proporciona, confraternizavam com despreendimento, alheios da responsabilidade de mais um prélio, indiferentes ao dispêndio de energias a que seriam forçados mais tarde.

A simpatia exuberante de Abrão emparceirava com o ar sorridente e comunicativo do loiro Cabrita; o veterano, mas sempre jóvem Grzins, contrastava no porte com o irreverente e bulhoso Soares; e os outros, sem distinção, «charlavam» ruidosamente.

Junto da rapaziada o tempo passa sem que nos apercebamos. Esta, uma das grandes provas de que no desporto a amizade tem fundas raízes e o companheirismo impera.

Aproveitando a excelente oportunidade, abordámos um dos atletas que mais se tem distinguido pelo seu denodo na turma do prestigioso Sporting Club Olhanense, o popular clube algarvio de nobres tradições no desporto português, que muito lhe deve pelo insano e profícuo trabalho dispendido até ao presente.

Figura assim, na nossa galeria dos valores que se revelaram e podem ser, se é que o não são já, certezas num futuro próximo, o magnífico interior direito algarvio Joaquim Domingues Soares, conhecido e popularizado pelo apelido.

Nascido em Olhão, há 27 anos, espera jogar ainda muitos anos, porque os algarvios são rijos, envelhecem tarde...

Ingressou no Olhanense em 1942-1943, tendo



Joaquim Domingues Soares



HIPISMO

O Capitão Correia Barrento

é o novo chefe e seleccionador das equipas militares portuguesas

Ferrez, na suprema orientação do desporto hípico militar, se bem que só na passada semana a sua nomeação fosse um facto.

O capitão João Barrento, figura de incontestável relevo do hipismo português, cavaleiro internacional e olímpico de fama e valor mais do que comprovados, técnico experimentado e desportista completo, atrevido as atenções do sr. Ministro da Guerra que acaba de confirmar o seu desejo de fazer dele o seleccionador e o chefe da equipa portuguesa.

A nós, que temos pelo conhecido e apreciado concursista uma admiração sem limites, que não é influida por uma sólida amizade, mas sim consequência lógica do reconhecimento, incontestável, do seu valer de cavaleiro e da sua garra de desportista, a noticia da

nomeação produziu-nos um misto de contentamento e de desgosto.

Contentamento, por havermos reconhecido a felicidade de escolha e continuarmos a ver à frente do hipismo militar um nome e um homem à altura das suas tradições, que não deixará de o servir com carinhoso entusiasmo e devotada dedicação. Desgosto, porque a sua ascensão ao elevado cargo o esgota, impiedosamente, das pistas de obstáculos, onde a sua falta profundamente se fará sentir.

O novo Chefe da equipa portuguesa é dos elementos mais conhecidos do nosso desporto equestre. Apareceu em 1929 fazendo, desde logo, alarde do seu valor. De então para cá, mercê dos exitos que alcançou — cerca de seiscentos prémios obtidos — o capitão Barrento impôs-se à admiração do público que se habituou a vê-lo triunfar com indiscutível autoridade.

As suas oitenta e sete vitórias em provas de obstáculos e os seus sessenta e três segundos lugares — se as nossas contas não erram — falam claro quanto ao seu valor e às suas qualidades.

Entre os primeiros lugares que conquistou devem mencionar-se os trinta e duas vitórias com o cavalo argentino «Reso» (que se de-

Ano VIII — II Série — N.º 272
Lisboa, 18 de Janeiro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31127 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

des tremos ter deste «conjunto» II, as oito alcançadas no estrangeiro — duas em Salamanca e seis em Madrid — e os oito triunfos em «Grandes Prémios».

Cavaleiro Internacional, concorreu com êxito em Madrid, Salamanca, Burgos, Barcelona, etc., tendo alcançado as suas escores de cavaleiro olímpico em 1948, no Estádio de Wembley, nos Jogos de Londres.

A verba ganha em provas hípias é bastante elevada. Basto que se diga que foi ele o concursista mais premiado em 1941, 1942, 1943 e 1945 e que ainda no ano findo se classificou logo abaixo dos quatro componentes da equipa que tomou parte nos Concursos de Paris e de Madrid.

É este, a largos treços, o «palmarés» de João Correia Barrento, o novo seleccionador e chefe da equipa portuguesa, a quem desejamos as melhores felicidades no desempenho do seu novo cargo.

ANTAS TEIXEIRA

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O agrupamento da 1.ª categoria da Companhia Carris que se estreou esta época e que ainda não perdeu qualquer jogo, tendo apenas cedido pontos em empatar. No 1.º plano da esquerda para a direita: Jesus, Salgado, Martins, Costa e Teixeira; De pé: José Félix, Mário Félix, Custódio, Rua, Ildio e Esteves

FIAMBRE IZIDORO

o preferido pelos
bons apreciadores

FABRICANTES:

Izidoro M. d'Oliveira & C.ª (Irmãos)

Rua dos Fanqueiros, 136 — LISBOA

Telef. 21806 — 27064

filho que é um autêntico «roaza»... (peixe atrevido e valente que rompe as armações).
— O desafio de piores recordações? Sem dúvida o dos 7.1 perante a Académica. Se o Abraão tem alinhado...

— O que me deu maior alegria? O da vitória por 10 contra o Sporting de Braga, no Campo da Ponte, em que marquei o tento.

— Se gostaria de ser internacional? Claro

que sim. Pode muito bem ser que chegue a minha vez...

— Como formaria a selecção nacional que se vai bater com a Espanha? Faça favor tome nota: Azevedo; Virgílio, Félix, Fernandes; Canário, Francisco Ferreira; Jesus Correia; Vasques, Cebrita, Albano, Rogério... Ben David, Diamantino (do Covilhã)...

E a concluir:

— Como é a vez primeira que fala para a Imprensa, agradeço à «Stadium» a honra que me concedeu e por seu intermédio abraço todos os meus amigos algarvios e companheiros de lides desportivas, afirmando-lhes que lutarei com alegria para que o Oihanense se classifique dignamente no Campeonato Nacional.

PITTA CASTELEJO

Belenenses e Atlético

empregaram-se a fundo na luta
mas registou-se um empate sem bolas



DE CIMA PARA BAIXO — Diógenes carrega Correio, sob a vigilância de Baptista, mas não consegue os seus objectivos. — Na marçoção de um canto a confusão é grande, mas o perigo passa. — Uma jogada de ataque do Belenenses, vendo-se em acção vários jogadores da defesa do Atlético

A I Exposição Histórica do Ciclismo

revela o labor de meio século
em favor de um desporto

A exposição aberta no sábado corresponde na prática à expectativa que despertou: é uma lição demonstrativa do que a União Velocipédica fez, ou procurou e ajudou a fazer em 50 anos de labor desinteressado a favor de um desporto. Fundada com notável oportunidade, para marcar bem a independência nacional no ciclismo, auxiliada muitas vezes, na sua acção, pelas entidades oficiais, teve, ao princípio um prestígio de organização que se traduz ainda no número elevado de coisas antigas, que conserva religiosamente, por certo das mais completas.

A colecção exposta podia, sem dúvida ser mais numerosa. Mas o que figura nas vitrines e nas mesas alinhadas no salão do Ateneu, basta para evocar o que demais brilhante e saliente tem havido no ciclismo — em iniciativas, em dirigentes e em corredores. Os melhores nomes do passado têm ali lugar — José Bento Pessoa, com um recorde de Mundo, D. S. bastião Herédia, José Mário Dionísio, Zenóglou, Inocêncio Pinto, António dos Santos Oliveira, que se supunha brasileiro por ter feito a carreira naquele país, Luciano Pinto, Pedro Vasques, Mário Duarte (pai), Manuel Ferreira, José Bento Vilas Boas, José Robelo da Mota, os irmãos Muzze, do Porto, Couto Junior, António Lopes, Pedro José de Moura, Soares Júnior, excelente campeão de pista. Entre os menos «antigos» — Laranja da Guerra, Dias Mendes, Carreto, José Pereira da Conceição, herói do Porto-Lisboa. Depois Piedade, Anibal Firmino, e Nicolau e Tindade, cuja rivalidade, bem conduzida e bem aproveitada, abriu novo período de resurgimento. Mais tarde Fernando Moreira, um ídolo no Norte do País. A popularidade do forte corredor português justificou a última «Volta a Portugal» e o seu êxito desportivo.

Em clubes figuram também alguns dos melhores e dos mais dedicados: Benfica em primeiro plano, com taças valiosas e um retrato grande de Nicolau, pintado a óleo; Campo de Ourique, «viveiros de corredores»; Caravelos, o grande vencedor da I «Volta»; Belenenses, que teve uma equipa de valor; Conimbricense, o melhor clube de ciclismo no centro do país; Bombarralense, de José Pereira da Conceição; Ligas, com os seus amadores; Grupo Desportivo das C. T. T., com recordações de um passado sempre lembrado com saudade; Gafanha; Caldense; Real Velo Clube do Porto; Clube Velocipedista de Braga e o Velo Clube de Lisboa.

ARCADIA DANCING
DE LUXO

Luisa Coral y Pepe Lara

Na sua extraordinária criação
«BOLERO DE RAVEL»

A bailarina acrobática francesa
ODETE FEVRIER

Anita de Montilla

com o seu guitarrista Luis Martinez

A estrela de baile clássico

LUISITA VELEZ

Carmelita de Cardoba, Mary Moly, Angeles
y Merche-Estrelita Diaz

Grandioso êxito de famosa
orquestra portuguesa **CARAVANA**

ORQUESTRA **ARCADIA** com a vocalista
SARITA MONTEZ

AMANHÃ Bailes de Máscaras

As senhoras mascaradas têm entrada gratuita

Dois encontros no Estádio Nacional

**Benfica, 2-S. Lorenzo, 5
Sporting, 1-Racing, 3**

COMPLETANDO a sua viagem pela Península, e após encontros em Espanha em que a superioridade argentina ficou demonstrada pela laçante, duas equipas, o Racing e o S. Lorenzo de Almagro, deslocaram-se a Portugal, por intermédio do Sporting, de colaboração com o Benfica. Julgamos ser esta a única maneira dos clubes portugueses se entregarem a organizações de vulto e até a dominar as dificuldades que sempre surgem nestas organizações. Seria uma coisa imperdoável não se verem os argentinos em Portugal.

Em conjunto, a exibição dos argentinos revelou uma classe muito superior à dos portugueses. E não se confunda jogar à bola com os resultados. Tanto o S. Lorenzo de Almagro como o Racing de Buenos Aires podiam ter feito resultados menos desnivelados, inclusive, na hipótese do Racing, deixar o terreno na situação de vençido, que nem por isso a sua extraordinária classe seria afectada. Dir-se-á, como apregoaram todos os críticos espanhóis, que o seu futebol se prende mais com a arte do domínio, não sendo incisivo, mas isso não tira nem põe ao caso. Julgamos, mesmo, haver exagero em semelhante apreciação.

É evidente que o extraordinário domínio de bola dos argentinos floresce principalmente em zonas em que não há muito aperto, para decair um pouco na área junto das redes, quando há maior concentração. Deste modo, há a impressão de que eles não têm poder de remate quando a verdade é que os vimos fazer pontapés ao golo, fortíssimos, e com possibilidades de bater os guarda-redes como, aliás, ficou provado, a distâncias de quase trinta metros.

Mas, pondo de lado os resultados, é indiscutível estarmos na presença de duas excelentes equipas, de orientação um pouco diferente. O S. Lorenzo produziu um jogo brilhante no que diz respeito a domínio de bola e em todas as figuras que o caracterizam: paragem de bola, dribblings, passes com a bola morta oferecidos de bandeja, sprints curtos, mudanças de direcção, recolha e comando com os pés e a cabeça. Tudo isto executado com o ar mais natural do Mundo, e uma ideia de facilidade, talvez traço de que afasta a dificuldade que o caso comporta e nos dá a sensação de não dar trabalho dominar a bola. Afinal, o que leu muitos anos a aprender parece simples e espontâneo.

Até o problema não estar resolvido e aberta a via dos golos pelo ponto de Arsenio, os lorenzenos empregaram-se a fundo, suportando a réplica vigorosa do Benfica. Com a consolidação do triunfo, mais diga-se que este somente foi possível pela inferioridade

do homem das balizas — a tarde não foi afortunada para os guarda-redes portugueses — o caso mudou de figura, e os lorenzenos puderam-se então exhibir, por vezes, em goito de exibição que não está em correlação com um desafio a sério. Compreende-se que uma equipa seja superior à outra e ponha na luta os seus trunfos, mas é de todo o ponto injustificável a falta de respeito pelo adversário, obrigando a respostas que, felizmente, não se verificaram. E neste capítulo deram os portugueses uma lição.

Os argentinos acabaram 5-2, sob a direcção do árbitro Vieira da Costa, cuja imparcialidade foi evidentiíssima. Os pontos do Benfica foram marcados por Arsenio e Rosário, e os dos lorenzenos por Silva (2), Pappa (2) e Uñate (1).

O S. Lorenzo alinhava com Bisnina, Martinez, Coronado e Barterme, Zubieta e Resquin, Raggi, Pappa, Uñate, Martorell e Silva. E o Benfica com Rosa (depois Bastos), Jacinto, Félix e Fernandes. Moreira e Francisco Ferreira, Rosário, Arsenio, Júlio, Melão e Rogério.

Já com o Racing as coisas passaram-se de modo diferente. Os homens do campeão da Argentina nunca puderam brincar e viram-se na dura obrigação de se empregarem a fundo. É uma equipa em que não aparecem tão ao de cima as faculdades extraordinárias de domínio da bola, embora elas existam, mas que actua mais no plano incisivo, com o pensamento constante nas balizas. Talvez isso justifique o título com que o grupo se adorna. Claro que o público gostou menos desta equipa, e, por nossa parte, devemos dizer que talvez seja de se lhe dar razão. Bem sabemos que o essencial é marcar bolas e isto dita o vencedor, mas não deixa de ser muito agradável, mesmo um espectáculo inesquecível, ver os artistas em pleno desenvolvimento traçar as figuras mais belas do domínio, num verdadeiro deslumbramento.

O Racing não abusa da passagem para o lado, aliás, tão desconcertante, e mesmo para trás, e a sua progressão torna-se mais rápida, apesar de não atingir a velocidade portuguesa. Mas é uma equipa de bom conjunto, com alguns extraordinários elementos e que aproveita magnificamente as qualidades dos seus componentes, não deixando de ser curiosa a verificação de que tais recursos se revelam muito melhor ao ataque do que à defesa.

O Sporting, na primeira parte, fez uma exibição esplêndida, projectando os seus ataques com uma velocidade e uma certeza que colocaram em grandes dificuldades os homens de Buenos Aires. Especialmente quando Rola substituiu Wilson, esse ataque infiltrou-se na defesa racinguista e produziu futebol de boa qualidade, com re-



Vermelhos — No 1.º plano, da esquerda para a direita: Canário, Jesus Correia, Cabrita, Júlio, Travassos e Rogério; no 2.º plano: Capela, Francisco Ferreira, Alfredo, Fernandes e Virgílio

Começou a preparação



Branços — No 1.º plano, da esquerda para a direita: Pacheco Nobre, Rosário, Massano, Ben David e Fernando Coiado; no 2.º plano: Diamantino, Carvalho, Curado, Azeredo, Barroso, Capla e Daniel

mates que não deram golo por mérito acaso.

Devido ao esforço desenvolvido em más condições de terreno e com um árbitro que, subtilmente, colabora no futebol argentino, os sportinguistas não conseguiram tirar o mesmo retrato após o intervalo. A fotografia do Racing, na segunda parte, está muito boa, e a do Sporting parece-nos desfocada e a justificar o desnível das duas bolas, em que Azevedo colaborou, em precalços, com os argentinos.

Já o Racing tinha duas bolas, da autoria de Mendez — o fenómeno — e de Simes, quando Jesus Correia marcou, num cante afortunado, a bola de honra. Salvini pôs o resultado em 3-1. Sob a arbitragem do inglês Henry Hartley que acompanha, desde a Argentina, as equipas nesta sua excursão, os grupos alinharam: Racing — Rodriguez, Garcia e Perez, Fonda, Rostelli e Gutierrez, Salvini, Mendez, Olsen, Simas e Sued.

Sporting — Azevedo, Barroso e Juvenal, Canário, Passos e Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Wilson (depois Rola), Travassos e Albano. No próximo domingo, o S. Lorenzo defrontará o Sporting e o Racing o Benfica. É uma prova real.

TAVARES DA SILVA

Enfim, na passada quarta-feira e num dia luminoso, começou a preparação da equipa ou equipas nacionais com vista aos desafios a disputar na presente época dos quais se destacam os *malheurs* contra a Espanha e Inglaterra. O treino parece ter agradado aos três seleccionadores, não obstante a falta de dez elementos dos 32 convocados.

Os grupos alinharam desta maneira:

Branços — Capela; Barroso, Curado e Carvalho; Diamantino (Covilhã) e Azeredo; Pacheco Nobre, Massano, Ben David, F. Calado e Rosário.

Vermelhos — Daniel (depois Diamantino); Virgílio, Alfredo e Fernandes; Canário e Francisco Ferreira; Jesus Correia, Cabrita, Júlio, Travassos e Rogério.

O grupo dos brancos empregou-se mais a fundo que o dos vermelhos, o que não deve causar estranheza. Houve jogadas bem delineadas e agradáveis. Dirigiu o treino Augusto Silva, e os brancos ganharam por 3-1, golos de Calado (3) e de Júlio, o que não deve levar-se em conta por estarem nas balizas dos vermelhos guarda-redes improvisados.

As sessões vão suceder-se, regularmente, todas as semanas, havendo por fim um mês de estágio para afinamento total. É o que se sabe, por enquanto.

Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Curiosidades... liberdade e responsabilidade

É fora de dúvida que ao F. C. do Porto deixou de interessar o jogador Bravo. O português do Real Sociedade de S. S. bastião não quis ou não pôde aproveitar a melhor altura. Agora, resolvidas certas dificuldades, e isso acontecerá dentro de pouco tempo, já a inclusão de Bravo será desnecessária...

Espera-se, de um momento para o outro, que uma curiosa nota a coloque os desportistas portugueses em alvorço. Aguardemo até ao próximo número...

Todos os jornais do Porto, ou quase todos, se fixaram eco do relato do treino da selecção nacional de há uma semana, publicado num categorizado diário lisboeta da tarde. Resultado: a informação veio-nos de chapa, portanto sem verdadeiro índice quanto ao valor individual dos seleccionados.

A lista que mais se conhece, por ser talvez a única a apresentar na próxima assembleia geral do F. C. do Porto, continua a ter como presidente o sr. Júlio Ribeiro de Campos, conhecida figura do Porto comercial. Eloi da Silva pediu a escusa do lugar que lhe seria atribuído — antes querendo servir de espectador. É pena, porque Eloi da Silva conhece como poucos as necessidades da sua agremiação. Para vogais, nessa lista, indicam-se Soares dos Reis e Carlos Mesquita, antigos jogadores do 1.º grupo de futebol.

A falta de velocidade de Romão revelada nos últimos jogos, e a indolência de José Maria, preocupam Augusto Silva. Outro tanto não acontece quanto a Virgílio, Alfredo e Vital. O treinador espera que dentro em pouco atinjam a sua boa forma.

Os argentinos pedem «uma fortuna» para jogar no Porto. Calcula-se por isso que não será muito provável a sua visita a esta cidade, a menos que os sul-americanos resolvam ser menos apegados ao pedir...

O Boavista parece interessado em obter os serviços de Quaresma — um elemento que sabe bastante de futebol, como jogador e treinador. Temos a certeza de que o Boavista conseguirá um bom elemento para as suas filiais.

Não sabemos se com algum fundamento, correu em certos meios a notícia de que talvez se desse uma alteração nos quadros da Comissão Central de Arbitros. Indicava-se, mesmo, a entrada de um conhecido desportista português.

CONTINUAM a ser muitos os seleccionadores improvisados. Nance assistimos a um combate tão renhido como este, o que de certo modo denuncia uma vontade firme de ser útil ao país e ao nosso futebol. Mas, se nos dão licença de crítica, não nos parece ser esta a melhor maneira de esclarecer o cérebro dos seleccionadores, a cada momento perturbados com indicações de toda a ordem e de todas... as preferências elabistas.

Se os enaerregados de formar a selecção nacional devem ouvir a todos os «seleccionadores» que apresentam linhas perante os seus olhos, arrissem-se a um embaraço tremendo e de irremediáveis consequências. Alguns grupos apresentados ou defendidos na imprensa não estão infelizmente formados com absoluta imparcialidade ou respeito pelo valor de cada um, e se lhe devem crédito os membros do comité escolhido para encontrar um bom adversário da Espanha, caírem no erro grave de estabelecer a confusão nos espiritos e no ânimo do próprio atleta.

Na parte que possa interessar aos nortenhos, achamos próprio não se zangar seja quem for com a falta de chamada dos melhores eszes da terra. Parecem tão desconcentrados as ideias e tão aborrecidas as preferências e indicações quanto a classe dos internacionais de ontem ou possíveis de amanhã, que melhor seria deixar correr o comentário e pedir aos técnicos o favor de não ballar com a paz em que todos desejamos viver.

Porque o que é demais é moléstia. Se está reconhecido e sobriamente provado que não abundam os técnicos, não se compreende lá muito bem esta abançada ideia de «seleccionadores» de ocasião. Se é impossível, pelo que se vê, coordenar os pensamentos e despir a péle elabista, achamos que será mais inteligente isolar por completo os dirigentes da equipa, para que a sua opinião seja de facto a de quem pensa e toma a responsabilidade de formar um grupo para bater a Espanha.

Parece que neste complicado tecer de linhas nacionais se desconfia de tudo e de todos. Pela nossa parte, faremos o possível por facilitar a acção de quem foi chamado a esta ingrata tarefa, apreendendo apenas na devida altura os acontecimentos. Fezer como temos apreendido em vários sectores, no Porto em Lisboa, é deitar lenha numa fogueira que está queimando demasiadamente os cérebros de quem sonha hora a hora com os seus ídolos ou com os seus elabes.

Seria bem mais útil que todos confiassem no esforço dos homens escolhidos ou a escolher, na inteligência dos seleccionadores, aguardando com serenidade o resultado das operações e a solução vitoriosa da luta. Seria bem mais útil que as linhas nascidas na imaginação das pessoas tocadas pelas paixões de vária espécie lhassem por dizer. E seria bem mais útil, porque poderíamos na hora do julgamento não desatir na verdade o valor técnico das pessoas, que não poderiam queixar-se de qualquer falta de consideração pelo seu trabalho e pelos seus conhecimentos.

O que poderá dizer-se amanhã se o fracasso — lagarto, lagarto — tiver de bater à porta da nossa selecção? — Que as lanções do seleccionador foram irritadas pelo marmário público, na consistente agitação de nomes e de linhas. Não queremos afirmar que algumas indicações não sejam patadas com honestidade e não procurem resolver o problema. Mas se há um Conselho técnico, aguardem-se antes que ele compra com a sua obrigação ou se considere incapaz de corresponder na presente emergência.

Poderemos ter, e temos mesmo, o nosso modo de sentir e de julgar as pessoas e as coisas, mas não desceremos ao processo de tange os sinos que badalem junto da sua consciência os nomes da nossa afecção. Procedam como entenderem. Sirvam com independência e bom critério o futebol nacional, porque só isso deve exigir-se e só isso é necessário para a altura tão delicada como esta.

Liberdade e responsabilidade — eis o grito que nos empree espalhar e desenvolver. De contrário, contribuir-se-á para estabelecer uma psicose que atordoa a mais sensata vontade, que amolece o critério mais firme e o desejo mais honesto de apresentar contra a Espanha o melhor grupo português de futebol.

R. T.

* DOIS * comentários...

1 Movimentem-se as messes associativas dos clubes à procura de novos dirigentes. O mês de Janeiro foi designado por ordem superior para eleição das novas direcções, e já se nota por isso certa ezejação nos principais clubes desta cidade.

Regra geral, os desportistas encargam os de eleger, procurem efadigadamente «homens de dinheiro» para os cargos de maior responsabilidade, esquecendo talvez um pouco a necessidade, ou a urgência, de sentir antes homens de firme saber nos lugares de mando.

Há clubes onde fazem mais falta os homens do que o dinheiro. A situação actual de muitas agremiações portuguesas, não sendo em verdade desajogada, necessita acima de tudo de pulsos que compreendam deliberadamente os problemas complicados do momento. Não se diz aqui, seriamente, que os homens de dinheiro, se com ele resolvem as verdadeiras complicações clubistas, devem ser esquecidos nos agrupamentos de que são sócios. Nada disso, evidentemente. Mas de lá julgar que «todos» podem ser bons directores vai um distancia grande.

Se formos associado de qualquer clube português, procurariamos meter dentro do mesmo crivo todas as qualidades de dirigente: se a de ter dinheiro peso, ou pode pensar, a de ser capaz de orientar com autoridade e conhecimentos é ainda mais valiosa.

Tenham portanto a maior cautela as messes associativas. Os clubes portugueses não precisam apenas de boas equipas. Fazem-lhe com certeza muita falta os bons dirigentes. E a culpa, nesta altura, será de quem tem o direito ao voto...

2 Gostamos os prelos por causa do órgão de importante clube lisboeta haver dito que Virgílio não teria lugar na «reserva» da sua colectividade. Numa altura em que os seleccionadores de operete abundam e nascem como os cogumelos, não nos parece motivo de zanga esta ou outra afirmação pessoalíssima e inofensiva.

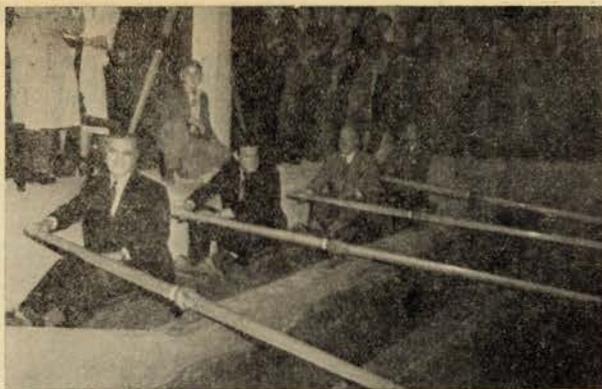
Se o órgão do F. C. do Porto, por exemplo, desatasse a dizer que Jacinto e Fernandes não serviriam para qualquer das suas categorias inferiores, nem por isso o Mundo deixava naturalmente de seguir o mesmo ritmo.

Além disso, Virgílio não pense por certo ingressar noutra clube para lutar a contra-prova. Sabendo que não serviria para as «reservas» de qualquer bom agrupamento — acolhe-se antes ao grupo de honra do F. C. do Porto...

O «resto» já deve ser com os seleccionadores nacionais. E um pouco, também, com a crítica independente e com o público rigorosamente imparcial. Por outro lado, como Virgílio é de rija tempera, dos que não desanimam, será dar a resposta a seu tempo e o mais brevemente possível...



A netinha do sr. dr. Ernesto Tomé, na presença do sr. Severo Biscaia, procede, talvez um pouco arrelviada, ao baptismo do novo yole de mar de quatro remos, do clube



A inauguração do tanque de aprendizagem de remo do clube transformou-se numa cerimónia simpática. Os remadores da inauguração parecem convictos do seu papel...

O prestante Ginásio Clube Figueirense, uma das mais antigas colectividades da provincia, acaba de comemorar, com muito brilho, a bonitidade de cinquenta e cinco anos, após ter desenvolvido bela e proveitosa acção na propaganda e difusão dos desportos, na encantadora cidade da Figueira da Foz.

Com efeito, cabe ao Ginásio Figueirense um largo papel como introdutor e propagandista de diversas modalidades na sua região.

Foi o ciclismo — e é interessante recordá-lo, no momento em que a U. V. P., hoje Federação Portuguesa, comemora as suas «bodas de ouro» — que provocou a fundação do Ginásio Figueirense. E de tal maneira a sua prática conquistou os entusiastas locais, que de entre eles surgiu um recordista mundial — José Bento Pessa, verdadeira glória do desporto português.

O ciclismo conheceu, então, na Figueira um período de larga movimentação e propaganda. Houve, depois, uma fase de estagna-

VALORES DA PROVINCIA

O Ginásio Clube Figueirense

comemorou 55 anos de existência

ção, até que a modalidade, por alturas de 1929, voltou a preocupar o clube, graças às iniciativas de Arnaldo Sobral. E, dentre os representantes do Ginásio, merece referência o nome de José Alves Barbosa, que conseguiu algumas classificações que lhe deram jus a ser considerado um dos bons ciclistas do país. Nas «Voltas a Portugal» e nas «Voltas da Figueira», soube ocupar, por vezes, o lugar de melhor representante da Provincia. E na IV «Volta a Portugal» (1933) ganhou a etapa Aveiro-Figueira.

No entanto, o grande papel do Ginásio Figueirense exerceu-se nos desportos náuticos, mormente no remo. Ao Ginásio se deve, em grande parte, que as regatas in-

ternacionais se tenham realizado na Figueira, regatas de notável influência no desporto português. Recorde-se, a propósito, a vitória do Ginásio, em 1908, na taça «Mondego» — a primeira grande regata realizada na Figueira — batendo, entre outros, o Clube Naval e a Associação Naval de Lisboa. E as suas vitórias na taça «Lisboa», em 1928 e 1929. Em 1933, o Ginásio é campeão nacional de *out riggers*, e em 1943 conquista idêntico título na categoria de juniores.

Em natação, o esforço do Ginásio é de louvar, sobretudo pelo funcionamento da sua escola de aprendizagem, a qual tem aproveitado a sucessivas gerações de figueirenses.

Não podemos, ainda, esquecer a bela acção desenvolvida pelo Ginásio Figueirense noutras modalidades, como o atletismo, tiro, esgrima, tennis de mesa, basquetebol e voleibol, sempre no louvável intuito de valorizar o nível desportivo da sua região.

Pois o Ginásio acaba de festejar cinquenta e cinco anos de existência, tendo encerrado o ciclo das suas comemorações com uma luzida sessão solene.

Além disso, procedeu-se, também, ao baptismo de um novo yolle de 4 remos ao qual foi dado o nome de «Vega» e à inauguração de um tanque destinado à aprendizagem do remo, tendo executado os primeiros exercícios os antigos campeões nacionais dr. Ernesto Tomé, Severo Biscaia, Ernesto Rama e Pinto Gaspar.

Colectividade simpática, servindo dedicadamente o desporto, gloriosa no passado, perseverante no presente, o Ginásio Clube Figueirense merece, sem dúvida, esta sincera homenagem que *Stadium* gostosamente lhe dedica.

Não incorra em penalidade

Guerreiro's

O CHAPEU QUE LHE ASSEGURA MELHOR COLOCAÇÃO NO CUMPRIMENTO

Concessionária exclusiva

A. Guerreiro

MOTIJO ÉVORA
Tel. 133 Telef. 466

São sempre lindos os tecidos e artigos da **CASA**

PREFERI-LOS, é dar uma nota indiscutível de BOM GOSTO

Rua Amirançe Reis, 25
MONTIJO

OLEBER MONTIJO

PROPRIEDADE DA

Alfaiataria REBELO

ALFAIATARIA — CAMISARIA
GRAVATARIA — SAPATARIA

Esmerado acabamento em todas as obras

MEIAS, PEÇAS, LENÇOS
LUVAS, CINTOS, ETC.

R. José Joaquim Marques, 121-MONTIJO

Execução esmerada e rápida de todos os trabalhos referentes à Arte Gráfica — Orçamentos grátis

Tipografia A MINERVA

Proprietário **Percegrino António Quaresma**

Impressões em todas as cores

Rua Bulhão Pato, 20 — Telef. 76 — MONTIJO

Alfredo Martins Alves

Mercearia e Fanqueiro

Rua Conde Paçô Vieira, 10 MONTIJO

FOTOFILME

Trabalhos para amadores — Aparelhos fotográficos
Fotografias d'arte — Reportagem fotográfica

F. FRANCO D'ALMEIDA

Coloridos, ampliações, reproduções, esmaltes, molduras
Secção de Papelaria e Perfumaria

Rua Bulhão Pato, 11 MONTIJO

FÁBRICA DE MOSAICOS MONTIJENSE, LIMITADA

Mosaicos em diferentes cores e desenhos

Armazem de **António Joaquim Marques**

Junto às Marinhas

MONTIJO

Officinas gerais

de Serralharia Metalurgica

Material Agrícola, Aero-motores de (lubrificação automática), Instalações para MOAGENS, Elevadores, Trituradores de

Carlos M. Ferreira

martelos, Pressas, Seringas hidráulicas, Bombas de todos os tipos, etc. etc.

TRABALHOS DE TORNO

Soldadura a Autogénio e Eléctrica
FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE

Rua das Taipas, 2-A — MONTIJO

José Maria Ramos Rasteiro

Fabricação e Preparação de CARNES DE PORCO verdes, secas e fumadas

Toucinho, banha derretida e salgada

R. José Joaquim Marques, 32-34
Telefone 83 MONTIJO

Latoaria CENTRAL

DE Joaquim António da Silva

Oficina de Latoaria Mecânica
R. Almirante C. dos Reis, 65, 77, 79, 81, 85

— MONTIJO —

Soares & Braço Forte, L.^{da}

ESPECIALIDADES EM CARNES DE PORCO E SEUS DERIVADOS

Chouriço, Toucinho, etc.
FABRICO ESPECIAL

Rua António Rodrigues Pimenta
— MONTIJO —

CASA DE MÓVEIS A Mobilandia

Praça 5 de Outubro, 12
MONTIJO

Restauração de Mobílias em todos os géneros
Oficina em Lisboa

Alírio C. Catalim

Alfaiate-Mercador
Camisaria e Gravataria

— Estabelecimento —

Av. João de Deus, 34 — MONTIJO

Casa do Anibal

Vinhos e Comidas
Quartos

Rua Almirante Reis, 108
MONTIJO

Joaquim Ferreira Ferra

Especialidade em Paio, Lombo, Salpicão, Farinheiras, Morcelas e Chouriço Alentejano, etc.

FABRICO ESMERADO
— MONTIJO —

José António Cartaxo Filho

CAMPO DAS CEBOLAS, 21, 22 e 23

Importação e Exportação

Grande fábrica de carnes fumadas
banha, toucinho e unto

Azeites, cereais, legumes, etc., etc.

TELEFONES
em LISBOA 2 5752
em MONTIJO 18

TELEGRAMAS
JOANCAR — LISBOA

Cerâmica

DE

José Salgado d'Oliveira

Todos os tipos de telha e tijolo

Telef. 64 MONTIJO

ATENÇÃO

A ALFAIATARIA NEVES

Rua Afonso Paula, n.º 7-1.º — MONTIJO

Alfaiate diplomado e premiado nas exposições portuguesas de 1934 e 1935, participa a todo o povo que durante o mês de Fevereiro e Março, data do 2.º aniversário das novas instalações, faz descontos em todas as encomendas, que vão de 10% a 30%, em alguns preços, fatos prontos a vestir desde 400\$00 a 1.200\$00 e fatos a feitio desde 250\$00 a 500\$00

Note bem. Estes preços só têm validade durante esses 2 meses

Viuva & Filhos de A. P. S. Araujo, L.^{da}

Depósito Geral de Tabacos

Fósforos e Papéis de Fumar

Ferragens, Pregaria e Papalaria

Accessórios galvanizados e Tubagens

Todos os artigos para a indústria

Todos os materiais para Construção Civil

R. Guerra Junqueiro, 20 22
Telef. 17 MONTIJO

A Nacelcar

DE

A. Nascimento Narciso

Avenida João de Deus, 59

MONTIJO

Fatos feitos, Calçado, Chapéus, Roupas de Cama, Louças e Bijouterias
Máquinas de Costura, de Escrever e Fotográficas
Rádios e Seguros

A casa que mais barato vende

Vergilio Martins da Costa Júnior
OFICINA DE SERRALHARIA
Torno e soldaduras a autogénio e elctrogénio

Fabrico especial de MOLAS para Automóveis, Camionetas, etc.

Reparação e construção de MOINHOS, BOMBAS, e de todos os trabalhos referentes à arte de Serralharia

— Tudo para Chacinaria —

R. José Joaquim Marques, 177 — MONTIJO

RESTAURANTE

«TALHADAS»

DE

Rodríguez & Fraguero, Lda.

Telef. 30 MONTIJO

PASTELARIA MIMOSA

DE

Tasso José Faria

Rua Almirante Reis, 51 — MONTIJO

O maior e melhor sortido da especialidade

António Manuel da Silva

Construções e reparações navais

MONTIJO

José Theodosio da Silva

(HERDEIROS)

Fábrica Fundada em 1900
(Em edifício próprio)

Gasosas, Refrigerantes, Xaropes, Junipero, Licôres e Cremes de todas as qualidades

Rua Formosa, 6 e 8 — MONTIJO

Carlos da Conceição

Carnes fumadas

Banhas

Fabrico esmerado

R. Luís de Camões, 31 — MONTIJO

Café Montijense

DE

Almeida, Alves & Fragatelro, Lda.

Praça da República, 30

Café dos Desportistas
MONTIJO

Café Nacional

Do Ribatejo Lda.

Pastelaria, Leitaria, Tabacos
Vinhos Finos e Espumantes

«O Café preferido pelos Desportistas»

Praça da República, 37 — Telef. 9
MONTIJO

CLUBE DESPORTIVO DO MONTIJO

é uma colectividade progressiva

Quase 3.000 sócios, uma actividade intensa
— e uma vida que se torna notada! —

DOIS caminhos levam ao Montijo. Ambos longos, mas um deles mais agradável que o outro. Via-se pelo estuário maravilhoso do Tejo... E em dias de Sol luminoso, como é o Sol da nossa terra, a viagem chega a constituir um prazer.

A vila é alegre, acolhedora, com ressaibos históricos que se refletem no seu nome actual. Um nome bonito, bem longe do desairoso Aldeia Galega. É verdade, que nome tão feio devia ter uma terra tão simpática!

Neste Montijo, laborioso, com as suas indústrias porcina e corticeira — os belos fiambres e os curiosos trabalhos em cortiça... — onde 20 mil pessoas labutam à sombra, que nela se projecta, da Senhora da Atalaia (os sírios da Atalaia, quem os não conhece?) houve em tempos três clubes desportivos. Sim, três. Eram o Onze Unidos, sem dúvida o mais representativo, o Aldegalense e o Avenido. Os dois primeiros tinham os seus campos de jogos. Por sinal, campos interessantes, bem situados, airosos. As três colectividades degladiavam-se numa emulação que, ao fim e ao cabo, redundava em pura perda. Porque qualquer delas vivia com dificuldades. Amparadas aos carrolas, aos seus entusiastas, mas destes nem todos podiam dar-lhes mais que entusiasmo... Que não chega para comprar melões — nem para manter clubes de desporto... Está mais que provado. De modo que os três clubes montijenses iam vendo abalar os seus melhores elementos. Do Montijo saíram, nos últimos anos, alguns excelentes jogadores. Dos que andam agora nas bocas do Mundo — pelo que valem, digamos. Um Barrigana, fêto jogador do Montijo, é talvez o nome mais representativo do futebol do Montijo. Depois dele Vital, o discutido avançado-centro do F. C. do Porto. E Caninhas, o magnífico extremo-esquerdo do Atlético, também depõe bem a favor da «scanteira» montijense. Tal como Custódio, agora na Vitória de Guimarães; Fragateiro, do Estoril Praia, elemento de vincada utilidade; Tormenta, que poderá ser no Sporting o substituto do grande, do extraordinário João Azevedo...

A ideia de se formar no Montijo, uma vila progressiva, que ganhara alento com a base naval, começou a germinar. Houve quem a lançasse ao vento... E imediatamente principiaram as discussões, em toda a parte. Mas sempre surgiam palavras de bom senso, gritos de incitamento, promessas de apoio. Os srs. director geral de Desportos, governador civil de Setúbal e presidente da Câmara Municipal do Montijo



A equipa de honra do Clube Desportivo do Montijo

advogaram a causa do clube único da terra. A fusão fez-se. Houve que trabalhar muito, com muito apêgo, com muito amor. Os primeiros obreiros do novo Clube Desportivo do Montijo trabalharam infatigavelmente. Urgia dar corpo, dar forma, a alguma coisa de novo na vila. Em Setembro de 1948 formou-se o Desportivo do Montijo. Logo na época de 1948/49 apareceu a disputar competições oficiais. E marcou imediatamente posição de certo relevo, apesar de estar na série dos fortes Barreirense e Oriental. Não venceu. Mas pôde ficar na 2.ª Divisão Nacional, tendo de lutar com os embaraços da improvisação. Porque não tinha havido tempo para mais. E nem mesmo a Senhora da Atalaia conseguiria fazer o milagre!

Os primeiros «vagidos» do Desportivo do Montijo foram, portanto, animadores. Os montijenses souberam compreender a situação, encará-la com a calma precisa para não se deixarem abater. De resto, não tardou que o Clube Desportivo do Montijo alcançasse o primeiro expressivo triunfo. A sua equipa de juniores, treinada pelo antigo jogador do Barreirense, Leonel de Almeida, conquistou com muito brilho o título de campeão da Associação de Futebol de Setúbal. Apurado com o Barreirense para a «poule» final da competição, o Desportivo do Montijo triunfou com 4 vitórias, 1 empate e uma derrota, totalizando 9 pontos e o «score» de 8-5. Por um ponto (por um se ganha e por um se perde...) os jovens montijenses obtiveram o primeiro lugar. Houve festa rija no Montijo. Reinou a alegria na bellissima sede do clube. O êxito dos rapazes serviu admiravelmente a causa do clube. Atraiu alguns desconfiados, uniu mais os confiados. Numa palavra — bellissimo!

Daquele grupo de rapazes — o

Raimundo, o Patrício, o Galvão, o Zé Paulo, o Monteiro, o Octávio, o Lino, o Silva, o Carregosa, o Madeira e o Jaime — não de saír, cremos, os futuros «ases» do clube. Agora, amparado aos dirigentes, que são os primeiros a reconhecer a obra da colectividade e a necessidade de a apoiar devidamente (a começar de cima), o Desportivo do Montijo pode servir-se com os seus próprios produtos. Pode bastar-se a si próprio. Terra rica em indústrias, entroncamento de comunicações, também há-de ser rica em valores desportivos.

Já lá vai mais de um ano. Vemos o Desportivo do Montijo no Nacional da 2.ª Divisão a buscar a consagração. Um começo frouxo, talvez acusando consequência da fusão, uma reacção firme e energética e oportuna, e a pouco e pouco a classificação a subir, a subir... E, no momento em que escrevemos, o Desportivo do Montijo é um dos mais sérios candidatos ao 2.º lugar da sua série. Uma série

que foi a mais difícil, trabalhosa e confusa da fase inicial da competição. Uma série onde figuram o Barreirense, a Cuf do Barreiro, o Ginásio do Sul, o Almada (campeão da 3.ª Divisão), o Desportivo da Cova da Piedade — eloquentemente afirmação de possibilidades, agora em período de crise — o Lusitano do Barreiro — e o Montijo. Repare-se, por ser curioso, na coincidência: entre estes seis clubes figuram três saídos de fusões. E todos com boas provas já dadas.

O clube vai a caminho dos 3.000 sócios. Se é que não atingiu já esse cabo. Possui dois campos — os que eram do Onze Unidos e do Aldegalense — e duas sedes, as que eram dos mesmos clubes. A vida do Desportivo do Montijo decorre serenamente, sem sobressaltos, mas sem larguesar. Aliás, que clubes desportivos (mesmo dos chamados grandes), podem alardear larguesa?... Os tempos vão mais. Matéria prima não falta ao novo clube do Montijo. Nem dirigentes dedicados, nem amigos sinceros, nem aplausos significativos das autoridades, nem gestos magníficos de apoio moral e material. O Clube Desportivo do Montijo vai, assim, de vento em pópa. Pensa noutros desportos. No basquetebol, no ciclismo, nos desportos náuticos — ou não esteja a vila à beira Tejo... Pensa em muitas coisas, sempre com o mesmo belo objectivo: honrar, dignificar, a terra. Montijo progressivo, Montijo afirmação plena de labor esforçado, de corajosa aplicação, de rasgado espírito de iniciativa, Montijo quer marcar uma posição no desporto português. Temos no Montijo muitos amigos, a começar no antigo dirigente do Onze Unidos, Joaquim Rocha, no dedicado Tasso Fariz. Sabemos que os montijenses olham sossegadamente o futuro do seu clube. No que respeita ao progresso geral do clube confiam nos dirigentes... Na parte que respeita ao «steam» de futebol (lá como em muitos outros clubes a expressão mais viva de capacidade), confiam nos rapazes de categoria de honra — e também nos jovens que na época passada foram campeões regionais... Os primeiros são o Cruz, o Almeida, o Anicés, o Louceiro, o Pinte, o Afonso, o Aleixo, o José Maris, o Lima, o Vieira, o

MANUEL MOTA

(Continua na página 14)



A categoria Reserva do Clube Desportivo do Montijo, vencedora da taça «Sezimbras», da Associação de Futebol de Setúbal

OS APURADOS da 2.ª Divisão

Um Estádio Nacional cheio não fez morrer o interesse pela II Divisão. Jogavam-se cartadas decisivas. Equipas virtualmente apuradas: V. I. Real, grupo de tradições e valor; Vianense, à espreita duma oportunidade; Leixões, voluntarioso e energético; União da Guarda, a quem Piresa estendeu a mão na hora própria; Académico, de rendilhas e saber; União de Coimbra, bloco sólido e incluído; Oriental, cheio de esperanças e com base; Casa Pia, com tradições e genica; Barreirense, explêndido alforge de grandes atletas; C. U. F., que já conheceu caminhos mais duros; União e Juventude, são equipas jovens; Portimonense, grupo com potência e Farense, equipa com possibilidades.

Vejam os resultados: V. I. Real sucumbiu mas não perdeu terreno. O Vianense firmou em números claros a sua real capacidade.

O Bavista no seu próprio terreno deu o flanco. Não se compreende o seu fraco rendimento, e alguns dos seus desaires. Nada disto apouca a bela carreira e o

O Espinho também foi derrotado, e o problema do apuramento só estará resolvido no domingo.

O União da Guarda levado por Piresa, coroou-se campeão. Parabéns à bela equipa. O Académico que estava com fé no título, cedeu nos últimos jogos. Estará a faltar fundo?

O União de Coimbra esmagou o animoso grupo do Ferroviários. É uma equipa com grandes possibilidades. O Torreense está bem encaminhado para a segunda fase. A equipa dos Portas parece em boa disposição.

Oriental sem dificuldades e Casa Pia com grande trabalho alcançaram a qualificação. São dois steams de características diferentes, mas de valor positivo.

Na série da confusão, Barreirense venceu. É normal. E a C. U. F. lá está na segunda fase.

União de Montemor venceu em pleno, cedendo um único empate. O Portimonense lá se segrou com toda a justiça. Na segunda fase dar-nos-á então toda a medida do seu valor.

Dr. Guilhermino de Matos

Foi submetido no passado sábado a uma intervenção cirúrgica o nosso querido amigo e director da «Stadium», sr. dr. Guilhermino de Matos, que tem nesta casa, além de uma posição destacada, as maiores amizades e dedicações. A operação feita pelo prof. Virgílio de Moraes, no hospital de S. Luís, decorreu o melhor possível, ao ponto de se poder afirmar que o estado do nosso director é de molde a não causar apreensões.

«Stadium» deseja-lhe rapidamente as melhores, associando-se a muitas pessoas que se têm informado do seu estado.



Os sete corredores de Benfica que pelo seu comportamento na prova de corta-mato de domingo conquistaram para o seu clube excelente vitória: José Duarte, o vencedor, Manuel Ventura, Mário Tomás, Carlos Carvalho, Pedro Onofre, Eduardo Moreira e Manuel Couto

A prova de corta-mato de «aspirantes» foi ganha pelo Benfica

A jornada de domingo foi praticamente de descanso para a grande maioria dos praticantes do atletismo de inverno. O programa compreendia apenas duas provas, em corta-mato para aspirantes e

um circuito para seniores e populares, mas em ambas a concorrência foi reduzida.

Nos terrenos do Estádio Nacional, em percurso anunciado como 2,000 metros, alinharam apenas catorze rapazes aspirantes,

em partes iguais representando o Benfica e o Sporting. Foi de estranhar a ausência de concorrentes benfiquistas, pois sabendo-se o esforço de ressurgimento que ao presente se desenvolve no popular clube era de esperar que nesta categoria, verdadeiro alôbre dos futuros atletas, a sua representação marcasse a continuidade da precedente actividade.

Os corredores do Benfica marcaram durante toda a prova vantagem sobre os adversários; Mário Tomás, seguido pelo sportinguista Roque, comandou durante o primeiro quilómetro, mas ambos caíram e foram passados, primeiro por Carlos Duarte, depois por Manuel Ventura, que terminaram nos dois primeiros lugares, respectivamente em 9 m. 18,6 s. e 9 m. 26,1 s.

Roque firmou-se em terceiro, em 9 m. 34,4 s. e Tomás a seguir, em 9 m. 41,2 s.

Os restantes entraram na meta todos distanciados e pela ordem: Carvalho (B), Onofre (B), Sérgio Monteiro (S), Marino Ferreira (S), E. Moreira (B), M. Cunha (S), Pinheiro Santos (S) e M. Costa (B). Desistiu um corredor do Sporting e foi desclassificado outro, por engano no percurso.

A corrida organizada pelo C. D. do Bairro de Inglaterra resumiu-se, na categoria dos filiados, a um «cavalier seul» do Sporting, e alinhou seis representantes, dos quais saiu vencedor Filipe Luis, com Afonso Marques na cola e o sempre jovem Nogueira seguindo-os de cêrca.

S. C.

O Porto-Lisboa de Hoquei em Patins

Na capital do Norte disputou-se o encontro entre as selecções de Lisboa e do Porto. A vitória pertenceu ao grupo de Lisboa por 8 2, resultado que tradus a superioridade dos lisboetas durante todo o desafio.

Na fase que publicamos vê-se Gomes da Costa, guarda-redes do Porto, desviando a tempo um remate de Veles.

A outra foto: as duas equipas e o árbitro Laurentino Soares.



JORNADA

que descobre
novos panoramas

A jornada da Primeira Divisão ficou incompleta devido aos encontros efectuados no Vale do Jamor. Nos quatro desafios disputados verificaram-se os seguintes resultados:

Belenenses.. 0 — Atlético 0
Guimarães.. 4 — Setúbal..... 2
Académica.. 4 — Covilhã..... 6
Elvas..... 0 — Porto..... 3

Apesar da falta de três encontros pode dizer-se que a classificação geral tal se encontra agora não oferecerá sensíveis alterações, mesmo quando completa. Benfica, Sporting e Lusitano não podem ser afectados nas suas posições, devendo afirmar-se que a partida que falta é mais importante para o clube de Vila Real do que para os outros. Benfica e Sporting têm uma margem de tranquilidade, e Lusitano aspira ainda a uma melhor classificação. Enquanto há vida mantêm-se as esperanças.

Nos resultados que aparecem ocupa o lugar devido às surpresas o que sucedeu em Coimbra e em Elvas. Já nas Salésias é perfeitamente de admitir o empate, desta vez sem bolas. Este desafio apresentou a curiosidade da apresentação de Vasco no lugar de centro-avanzado, estreia arriscada e pouco auspiciosa, visto o referido jogador não ter mostrado a ligeireza de movimentos e mobilidade que o cargo requiere e exige. A partida travou-se com despiques entre os jogadores, e jogadas que devem classificar-se como violências.

A Académica teve o seu domingo negro e uma exibição muito abaixo das suas possibilidades. Talvez a demasiada confiança tenha atraído os rapazes, mas é indiscutível que a d'fesa não ligou bem. Foi possível ao Sporting da Covilhã chegar a 3 0, e compreende-se a genica que os rapazes de Coimbra tiveram de despendar para chegar ao empate. O esforço veio a justificar mais tarde o triunfo dos covilhanenses.

Também em Elvas o Porto passou um obstáculo considerado quase insuperável. Fez um jogo efectivo, com preocupações de assegurar a defesa no primeiro tempo. Mas quando a oportunidade surgiu, os portuenses não a perderam e colocaram-se em vencedores, continuando depois uma tarefa que já não era só de defesa mas de acautelar um triunfo magnífico. Em Guimarães, os setubalenses lutaram com brío mas foram suplantados pelo adversário, este organizando boas jogadas de ataque de conjunto.

A Académica continua no terceiro posto, agora abalado, visto que dois clubes de Lisboa estão com a diferença de duas bolas. Porto, Guimarães e Covilhã lutaram com as suas vitórias, subindo os degraus e deixando para trás Setúbal e Elvas. Continua complicada a discussão para o último posto. — T. S.



Capela defende, em boa posição, uma bola por alto



Serra Coelho remata de cabeça, mas o guarda-redes defende

OS JOGOS DE Coimbra, Guimarães e Elvas



Teixeira da Silva remata de cabeça



Rebello, vigorosamente, luta com um jogador de Setúbal



Uma fase do encontro disputado em Elvas e em que o Porto venceu o clube local

1875-1950

O glorioso Ginásio Clube Português

comemora as suas "bodas de diamante"

ESTÁ justificadoamente em festa uma das mais antigas e gloriosas colectividades portuguesas: o Ginásio Clube Português — o velho Real Ginásio — fundado em 18 de Março de 1875, por Luís Maria da Costa Monteiro. O prestigioso instituto de educação física comemora, pois, com um vasto programa de festas que se prolongará até Junho, a data faustosa das suas bodas de diamantes. E fá-lo de molde a demonstrar, eloquentemente, que a colectividade continua insensível ao peso dos anos, plena de juventude, a cumprir o seu alto papel, com o entusiasmo da primeira hora.

Com efeito, poucos clubes como o Ginásio terão esbido mater através dos anos tanta fidelidade aos princípios que ditaram a sua fundação. Poucos como o Ginásio terão actualizado os seus métodos e processos de trabalho, por forma a manter-se sempre na primeira fila do desporto português.

Recordam-se factos históricos

A história do Ginásio, rica e variada, polvilhada de acontecimentos que, transcendendo a própria vida do clube, são antes factos notáveis do desporto português, não cabe, nem em síntese, num breve artigo de homenagem. Mas não deixa de ser curioso recordar alguns.

Rememorar uma ou outra iniciativa. Registrar um ou outro título ou campeonato. Numa palavra, focar o intenso esforço do Ginásio Clube como pioneiro da educação física e dos desportos.

Vamos alguns dos que remontam ao século passado: 1877-83 — festas de propaganda de ginástica nas principais cidades do país; 1884 — apresentação dos primeiros aeronautas amadores em balões a gás; 1884 — apresentação do único domador-amador de leões (Abreu e Oliveira); 1885 — organização do primeiro concurso de ginástica (ao ar livre) em Portugal; 1885 — organização das primeiras corri-

das de velocípedes em pista; 1889 — apresentação do primeiro grupo de futebol organizado em clubes portugueses; 1890 — formação do primeiro batalhão de atletas defensores voluntários da Pátria; 1893 — apresentação do melhor amador da Península em alta ginástica (João Possolo); 1893 — realização do primeiro combate de boxe, amador, em público; 1893 — publicação do primeiro jornal desportivo em Lisboa; 1898 — iniciação do jogo de pau em ginásios; 1900 — leccionação de ginástica nos Asilos de Infância Desvalida.

Títulos honoríficos

No largo período de setenta e cinco anos, em que a sua valiosa acção se tem feito sentir nos mais variados campos, tem o Ginásio Clube visto o seu nome rodeado de justo prestígio e em diversas oportunidades, galardoados com honrosas distinções. Assim, é o Ginásio agraciado com a comenda da Ordem Militar de Cristo e socio benemérito das seguintes colectividades: Asilo de S. João, Clube Internacional de Futebol, Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa e Liga dos Combatentes da Grande Guerra. É ainda sócio honorário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisboenses, da Associação de Futebol de Lisboa, do Maria Pia Sport Clube e dos Bombeiros Voluntários da Amadora. É sócio de primeira classe da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha.

Um grandioso sarau no Coliseu dos Recreios

Como é natural, a prestigiosa colectividade da rua de Serpa Pinto elaborou um vasto e completo programa comemorativo das suas bodas de diamantes. Esse programa começou a cumprir-se no penúltimo domingo, com uma lúrida sessão solene. E, acentua-se uma vez mais, começou da melhor maneira em ambiente de

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O conjunto da Fandição e Construções Mecânicas, de Osiras, que se estreou esta época, inscrevendo-se na 1.ª categoria e demonstrando valor para figurar entre os melhores. No 1.º plano da esquerda para a direita: Fernandes, Alvaro Dias, António Dias, Vitorino e José Dias; De pé: Moura, Pinho, Manuel Dias (1.º), Manuel Dias (2.º), Baptista e Acúrcio

intensa vibração clubista, exaltando-se o passado e afirmando-se fé inquebrantável no futuro.

De entre as próximas comemorações avulta, como é natural, o grandioso sarau internacional marcado para o próximo dia 25. O espectáculo — que, diga-se desde já, está a merecer todo o carinho por parte do clube organizador — constará de duas partes distintas: uma — oportuna evocação — ao getto antigo, constará de bailado antigo, pesos e aliteres, pirâmides, exibição de um conjunto de esgrimistas, e de um ginasta montando um velho bicicleta.

Na segunda parte exhibir-se-ão, além dos atletas do Lisboa Ginásio e do Sport Clube do Porto, o Clube Ginásio, de Madrid, o suíço Fritz Lhemam e o famoso ginasta brasileiro Junqueira de Moraes, do Clube Ginástico Português, do Rio de Janeiro.

Acrescente-se, no entanto, que Junqueira de Moraes, cuja chegada a Lisboa, no momento em que escrevemos, estava prevista para ontem, deve exhibir-se primeiramente na festa a realizar no dia 21.

As comemorações das bodas de diamantes do Ginásio Clube Português prolongar-se-ão até Junho, num programa completíssimo, que é bem um inofensível atestado da actividade e labor da gloriosa colectividade.

ABREU TORRES

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

CLUBE DESPORTIVO DO MONTIJO

(Continuação da pág. 11)

Martins, o Valério... E' a linha avançada, a avaliar pelos números, o sector mais poderoso do eteam. Uma linha de ataque que marcou 24 golos, apenas menos um que a avançada mais forte da série, a da Cuf do Burreiro. A defesa é menos segura. Sofreu 18 golos. Mas, em conjunto, temos aqui uma equipa.

Na altura já todos os montijenses evião conquistados pela ideia que deu origem ao Clube Desportivo do Montijo. Portanto, todos querirão dar-lhe o seu concurso. E o Montijo não tardará a poder mostrar mais uma força, cheia de expansão, uma força — a do desporto — a juntar à já famosa industria local. Os sabrosos fiambres... Aqueles curiosos trabalhos de cortiça... Tudo falará do Montijo. Depois, a base naval. O progresso evidente da vila, que um dia se ligou indissoluvelmente a uma grande iniciativa desportiva — a Volta a Portugal de 1939, que teve no Montijo o local da partida, dada pela sempre querida Beatriz Costa...

Montijo segue triunfante a sua rota. E no dia em que os transportes para a vila sejam melhores — já se falou em ser o Montijo cabeça da ponte sobre o Tejo — que salto ela dará! Temos muito prazer em o afirmar, na certeza de que o desporto pode contar com a rapaziada do sítio...

M. M.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-G

Telef. 30078

LISBOA

MELHOR NÃO HÁ EM LISBOA!
O "DANCING" DE QUE TODA A GENTE FALA!

PELO SEU CONFORTO E PERMANENTE ANIMAÇÃO

MAXIME

P. da Alegria, 58



Grandes atracções
Duas orquestras
Um ambiente onde tudo
é novidade!
Música constante!



Preços iguais aos dos
outros «Dancings»

Aos domingos, às 17,30: CHÁ DANSANTE

Futebol

Principiou a disputar-se a archi-famosa Taça de Inglaterra (na realidade, apenas, um trofeu criado em 1872 pela Federação Inglesa), cujo valor sentimental e desportivo não tem preço.

A terceira eliminatória, agora realizada, proporcionou o apuramento de 10 clubes da I Divisão, 8 da 2.ª e 5 da 3.ª. Além destes, faliam desemostrar em jogos subsequentes, 9 clubes da 1.ª, 6 da 2.ª e 4 da 3.ª. Quanto a surpresas nada se registou (e exceptuarmos o empate que Norwich impôs ao Portsmouth, campeão da Liga em 1948-49, e a vitória do Derby, em Manchester, contra o City, por 5-3) e os clubes eliminados foram os mal conhecidos, que sempre animam esta prova clássica com o seu entusiasmo transbordante.

❖ O campeonato da Escócia prossegue no ritmo natural. A frente da classificação, com 31 pontos, vai o Hibernians, seguido de Glasgow Rangers (28), Hearts (27), Dundee (26), Celtic (24), etc.

❖ Anderlecht (24 pontos), mantém-se à cabeça no campeonato da Bélgica. Depois, vêm: Berchem Sports (22), La Gantoise (20), Charleroi, R. C. M. (19), F. C. M. (18), Antuérpia (18).

❖ A superioridade pontual de Juventus no campeonato italiano é de seis pontos acima do Internacional (28), que leva Milão (27) na cola e Pádua mais Florença (23), na reestguarda.

❖ A França não desepera de ir ao Rio de Janeiro, participar na Taça Jules Rimet. Com a desistência da Austria, por falta de divisas monetárias, e possivelmente da Itália, os franceses encaram a viagem como um acto indiscutível e natural.

❖ Em virtude da desistência da Austria, ficou apurada para ir ao Brasil a Turquia. Se as defecções continuarem os nossos amigos brasileiros vão disputar o campeonato mundial quase em família.

Basquetebol

A final do Campeonato da Europa deste popular desporto disputou-se em Nice, entre as selecções de Itália e de Espanha. O desafio foi muito equilibrado e terminou pela vitória dos italianos, por 44 pontos a 36. Ao intervalo, os transalpinos já venciam os peninsulares por 21-19.

Nos desafios para designar os terceiros e quartos classificados a Suíça bateu a Finlândia, por 43-25 e a Sudestlândia derrotou a Bélgica, por 36-32. A classificação definitiva foi a seguinte: Itália, Espanha, Sudestlândia, Bélgica, Suíça, Finlândia, Holanda e Austria.

Os sudestlavos, para não jogarem contra os espanhóis, deixaram-se vencer deliberadamente na sua eliminatória, em que tiveram os belgas como adversários, mas no jogo de repescagem tiraram a desforra.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.
Travessa S. João da Praça, 38

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

A selecção espanhola de basquetebol, que se apresentou em Nice a disputar o campeonato europeu dessa modalidade desportiva, conseguiu a excelente proeza de se qualificar em segundo lugar, imediatamente depois da Itália.

Balida duas vezes pelos representantes da noção transalpina, nem por esse facto deixou de ganhar direito a participar no próximo campeonato mundial, que se disputa em Buenos Aires dentro de alguns meses. Este resultado é fruto de trabalho persistente e ordenado, cuja orientação os nossos vizinhos conduziram com mão de mestre. Eis porque os aplausos, que aqui endereçamos à Espanha, podem significar aos olhos dos nossos leitores uma censura e um lamento, por ver o desporto da «bola ao cesto» enfraquecido em Portugal, depois de se haver distinguido com brilho em épocas anteriores.

Os lusitanos parece carecerem de vontade e continuidade no seu esforço; os espanhóis, pelo contrário, manifestam com exuberância o poder da persistência, sem a qual se não alcançam êxitos.

Os resultados conseguidos por alguns clubes modestos ingleses, nos desafios eliminatórios da Taça de Inglaterra, balendo-se em pé de igualdade relativa contra os mais reputados agrupamentos das Divisões superiores, vem demonstrar, não só neste, o nível elevado do jogo da bola nas Ilhas Britânicas como as dimensões da sua expansão.

Parece-nos que, salva melhor doutrina, está aí a prova real do progresso de um desporto qualquer. Para aquilatar a capacidade de um país, nesta ou naquela modalidade, não basta dispor de representantes excelso, mas de grande número de praticantes cuja compreensão e possibilidades técnicas possam equiparar-se.

Só assim se explica a eliminação dos grandes pelos pequenos clubes — no futebol — e o êxito de uma prova como a Taça de Inglaterra onde os primeiros e os últimos dispõem de igual prestígio.

Em que países se poderia encontrar o mesmo progresso, demonstrado por ingleses? Creemos que em mais nenhum, por muito que o nosso julgamento desgoste o leitor.

ENCONTRA-SE actualmente em Paris o campeão do Mundo de luta livre, o americano Frank Saxon. Trata-se de um hercules estatúrida, que pode elevar a cima da cabeça um rival com mais de cem quilos, e jogá-lo fora das cordas, sem esforço aparente, ou torcer-lhe os membros com a delicadeza proverbial dos gorilas.

No decurso da sua estreira venceu sem pressas o campeão francês, cujas impressões, depois de consumada a derrota, fariam corar de vergonha uma peixeira das mais arrebatadas. Isto, é claro, não impede que a luta-livre seja um desporto mais ou menos respeitável, digno de toda a consideração, todavia comercializado em excesso para saciar a voracidade dos espectadores.

A Luta tem variado entre dois polos. Ou convencional em excesso, como a greco-romana, ou bestializada, como o catch as catch can.

Quando encontrará a fórmula ideal, que reuna as qualidades de ambas sem conservar os defeitos das duas?

RAFAEL BARRADAS

Automobilismo

O Grande Prémio Automobilístico «Eva Péron», disputado em Buenos Aires, ecube ao condutor italiano Villorresi, pilotando uma viatura Ferrari.

O percurso, de 145 quilómetros, foi erberto em 1 hora, 18 minutos e 20,8 segundos, à média de 111 quilómetros.

Em segunda posição classificou-se Sarafini, e em terceiro Bucel.

❖ A corrida de Palm-Beach (Flórida), foi ganha pelo americano George Huntoon, conduzindo uma Ford-Duisenberg Especial. Gastou a percorrer as cem milhas (160,900 km.), 1 hora, 54 minutos e 40 segundos.

Boxe

Semana pouco brilhante de desafios sensacionais.

Em Amsterdão o semi-pesado Henri Chabaut, derrotou o holandês Gerrit Lefebre por pontos, (8 «rounds») e Willy Schagen forçou o italiano Saccavini a desistir ao 5.º assalto.

❖ Em Hainkuia, Ellis Ark, bateu André Bénatar, por K.O. ao 3.º assalto, e Purko venceu Arne Sundin por pontos.

❖ Steve Belloise parece disposto a jogar em Montreal, em fins de Março, com Lucien Daubuille. Por sua vez, Jake La Motta é provável que combata contra «Sugar» Ray Robinson, para o título mundial de «médios», para o título mundial de «médios», concluídos os «matches» anunciados para Detroit e Pittsburgh, em que tem como adversários Dick Wagner e Fritz Zivic.

❖ Robert Charron foi irritado por toda a vida da lista dos pugilistas profissionais franceses, pela sua conduta escandalosa. A última «proeza» deste desajustado foi agredir um velhote sexagenário o que lhe valeu ser encarcerado.

AUSTIN para 1950

Modelo de luxo, de Sport e Utilitário. U. a. marca de reputação mundial. O automóvel confortável e económico. A assegurará o estado o testemunho de milhares de proprietários que o possuem.

AUSTIN — Marca mundial por excelência em AUTOMÓVEIS e CAMIONS
Sub agente em MONTIJO
Hermínio Bento da Graça

Suc.ªs de Anselmo Joaquim Marques, L.ª

Proprietários de Fragatas
Escritório
R. Manuel Neves N. de Almeida
Telef. 89 MONTIJO

Casa das Vergas

Cestos Regionais, Aluminios, Esmaltes e Porcelanas, Carpetes de Lã, e Brinquedos
A UNICA NO GÉNERO
Praça 8 de Outubro, 15 a 19
Rua Serpa Pinto, 1 a 7
MONTIJO

Casa das Vassouras e Pinceis

de António Joaquim Iça
Fábrica de Brochas e Pinceis, Vassouras de todas as qualidades em Palma e Piassaba, Escovas, etc.
PREÇOS DE REVENDA
R. Joaquim de Almeida, 39 — MONTIJO

OS ARGENTINOS no Estádio Nacional



O grupo de honra do Racing de Buenos Aires



O grupo de honra do S. Lorenzo de Almagro



Rosa defende uma bola por alto, reconhecendo-se facilmente a anciedade de Félix...

DE CIMA PARA BAIXO — A troca de golhardetes entre os capitães do Sporting e Racing, na presença do árbitro inglês Henry Hartles. — Rola (De Estarreja), que se afirma um elemento de categoria, depois de dar vida à linha atacante sportinguista, remata em condições difíceis. — Francisco Ferreira, numa atitude acrobática, joga a bola de cabeça